

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

As tensões da sustentabilidade e os riscos do reflorestamento. Atores sociais e ambiente.

Claudia Maria Hansel.

Cita:

Claudia Maria Hansel (2009). *As tensões da sustentabilidade e os riscos do reflorestamento. Atores sociais e ambiente. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1056>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/evbW/6pa>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Resumen

As tensões da sustentabilidade e os riscos do reflorestamento

Atores sociais e ambiente

Claudia Maria Hansel

Doutorando em Ciências Sociais pela UNISINOS

Professora do Curso de Graduação em Direito da Universidade de Caxias do Sul

cmhansel@terra.com.br; cmhanse1@ucs.br

O estudo trata dos riscos ambientais oriundos das modificações em virtude do plantio de eucaliptos por empresas fabricantes de papel e celulose. Esta circunstância é objeto de polêmica: para uns pelo impacto sobre a biodiversidade, pois pode proporcionar um deserto verde e conseqüente degradação ambiental, bem como a visível contraposição ao movimento de reforma agrária e do agropastoreio. Para outros, a condição impar para impulsionar o desenvolvimento oxigenando a economia regional propiciando bem-estar social e novas relações ruralurbano. A abordagem se guiará pelas teorias da sociedade de risco e do descontrole pelos desdobramentos da tecnologia. A ocupação do território pela floresta traduz-se na ascensão da temática ambiental, na conduta dos atores sociais frente aos riscos e a tensa relação entre atividades produtivas e sustentabilidade ecológica.

O estudo se insere na abordagem territorial do desenvolvimento e trata dos riscos ambientais oriundos das modificações em curso no sul do RS (pampa gaúcho) em virtude do plantio de eucaliptos e pinus em grande extensão por empresas de capital estrangeiro fabricantes de papel e celulose. Esta circunstância tem sido objeto de grande polêmica: para uns pelo impacto sobre a biodiversidade, visto que pode proporcionar um deserto verde e consequente degradação ambiental, bem como a visível contraposição ao movimento de reforma agrária. Enquanto, para outros, a condição impar para impulsionar o desenvolvimento oxigenando a economia regional com desdobramentos relativos ao bem-estar social. O intuito proposto projeta as teorias da sociedade de risco, do descontrole pelos desdobramentos da tecnologia e dos impactos ambientais. Ressalta-se também que a ocupação do espaço das Coxilhas pela floresta traduz-se em meio ambiente construído, envolvendo a conduta dos atores sociais frente aos riscos oriundos dessa tensa relação entre atividades produtivas e sustentabilidade.

A presente investigação sobre o impacto na paisagem e a condição da sustentabilidade ecológica, envolvendo o papel dos atores socioambientais, tem como objetivo traçar algumas observações sobre os impactos sócio-ambientais causados em razão do consumo massivo de papel em nível mundial. Para atingir este objetivo, faz-se uma análise a partir das teorias dos autores Beck e Giddens.

No decorrer do século XX, foi inegável que a evolução tecno-científica trouxe o bem-estar à sociedade. Mas, por outro lado, para consegui-la fez-se necessário explorar os recursos naturais existentes no planeta de forma incompatível, uma vez que estes são insumos na fabricação dos produtos e, em consequência, houve a degradação ambiental e possibilidade de exaurir recursos naturais. Além disto, colocou-se em risco formas de ocupação do território e mais do que isto riscos de sobrevivência às espécies (animais e vegetais). Ainda, em virtude desta utilização predatória fruto do modelo econômico vigente, o território tende a atingir um novo patamar nas relações ruralurbano e, em razão, desta relação entre sociedade e meio ambiente o reflorestamento pode constituir um novo território de desenvolvimento local.

Está em questão a formação de nova identidade para o pampa gaúcho em face do declínio da tradição agropastoril, da rejeição ao projeto de reforma agrária, da concessão das licenças ambientais e da ascensão da temática ambiental em decorrência dos impactos e riscos. Ou seja, as modificações na paisagem podem engendrar riscos que ainda são imensuráveis, imprevisíveis, imperceptíveis, todavia já se constata a preocupação em dar visibilidade às evidências que permitem qualificar o significado do impacto ambiental no território. Exemplos correlatos se encontram nos riscos inerentes que corre o plantio de eucalipto e pinus, ou até mesmo com os alimentos modificados geneticamente e com as tecnologias nano.

Relevante mencionar que para Beck, a sociedade de risco origina-se da sociedade industrial e o tipo de sociedade existente no final do século XX inaugura outra fase histórica da humanidade, bem como uma nova face das relações ruralurbano. Neste contexto se reconhece que a mesma tecnologia que gera benefícios ao ser humano é também responsável por provocar inesperadas e indesejadas conseqüências. A característica principal da sociedade de riscos é que as inovações tecnológicas e organizacionais da sociedade moderna também acarretaram efeitos colaterais negativos, cada vez mais complexos, imprevisíveis e, alguns deles, incontrolláveis. Uma parte dos riscos contemporâneos escaparam do controle do sistema convencional das instituições da era industrial. O Estado-nação, em face de seus comprometimentos, possui obstáculos para regular os riscos de alta complexidade, principalmente, aqueles que têm uma espacialidade e uma temporalidade que vão além das fronteiras geopolíticas nacionais.

Em outros contextos históricos, inclusive em séculos passados, a experiência dos riscos nunca foi tão abrangente e profunda como têm sido nas últimas décadas. As situações de riscos atuais são, portanto, quantitativas e qualitativamente distintas das formas anteriores de risco. As mudanças estão acontecendo cada vez mais rápidas e em maior grau e intensidade. Estas alterações geram situações novas em que ninguém parece ter o controle, mesmo assim os órgãos estatais emitem as licenças ambientais.

A incerteza passou a ser uma característica marcante de nossa época. Neste momento, retoma-se o objetivo proposto neste estudo, mencionando-se que o alto consumo de papel e seus métodos de produção insustentáveis é uma das atividades humanas prejudiciais ao planeta. O consumo mundial cresceu muito desde a metade do século XX, e, em conseqüência disto, acarretou o aumento do volume de lixo, grave problema nos centros urbanos. Para contornar a situação, algumas saídas têm sido apontadas, como a utilização de madeira de reflorestamento, para frear a derrubada nas poucas áreas remanescentes de matas nativas, a redução do emprego de cloro nos processos de fabricação e a reciclagem do papel.

Atualmente, a produção de papel e celulose no Brasil emprega predominantemente matéria-prima oriunda de áreas de reflorestamento, principalmente de eucalipto e pinus. Todavia, a monocultura do eucalipto, de acordo com pesquisas científicas realizadas revela que este consome tanta água que pode afetar significativamente os recursos hídricos. Além disto, a monocultura tem desencadeado o que se denomina de “deserto verde”, causando assim implicações não só ambientais, mas também sociais. Desse modo, o problema que se levanta sob forma de indagação: Quais são os impactos sócio-ambientais ocasionados na zona sul do estado do Rio Grande do Sul em virtude do plantio de eucalipto e pinus por grandes empresas multinacionais fabricantes de papel? Como resposta, emprega-se as considerações feitas por Beck que propõe a busca de

respostas radicais aos desafios e aos riscos ambientais produzidos pelas modificações na ocupação do território.

Aos autores parece inconsistente a oposição entre ‘preservacionistas’ e ‘desenvolvimentistas’ na análise da introdução da silvicultura no pampa gaúcho e os respectivos dilemas em curso ante a interrogação de uma alternativa sustentável e compensatória. O reflorestamento através da plantação de eucalipto poderia ser aplicado através do processo agrosilvopastoril. Ou seja, uma combinação de atividades existentes e as novas, evitando deslocamento ou extinção da fauna e flora do ecossistema. Esta propositura crê ser possível garantir o meio termo entre conservação da biodiversidade do pampa e a produção de celulose, entre a manutenção da população no campo e o deserto verde.